

Associação Escola Aberta

– Instituição Particular de Solidariedade Social –



Projeto Educativo
A BRINCAR ABRAÇAMOS O MUNDO

Ano Letivo 2024/2028

Os Educadores da Instituição,

Ana Cristina Carvalho,
Ana Margarida Alberto,
Helena Aurélio,
Lina Piteira,
Rosa Cunha,
Sónia Saúde,
Tatiana Pato,
Tomásia Lopes

Beja, 2024

Índice

Introdução	3
Caracterização do Meio	9
Situação Física e Climática	9
Caracterização Socioeconómica Socioecon	10
Referências Históricas.....	10
A Instituição	12
Missão, Visão e Valores.....	12
Missão	12
Visão	13
Valores	13
Perspetiva Histórica e Atual.....	13
Funcionamento Geral	14
Financiamento.....	14
Horário de Funcionamento	14
Espaços Físicos.....	15
Serviços de Apoio	15
Pessoal	16
Relação com as Famílias	16
Distribuição das Crianças	17
Coordenação da Instituição.....	17
Valências	18
Creche.....	18
O Papel do Educador de Creche	19
Jardim-de-Infância	21
Papel do Educador de Jardim-de-Infância	24
O Projeto Educativo A Brincar Abraçamos o Mundo	26
Intencionalidade Educativa.....	26
Objetivos Gerais	27
Estratégias.....	27
Trabalho de Projeto A Brincar Abraçamos o Mundo	28
Creche.....	28
Pré-escolar.....	28
Calendário Escolar	28
Interrupção das atividades letivas:	28
Plano Anual de Atividades	29

Projeto Educativo *A Brincar Abraçamos o Mundo*

“A infância é o terreno onde plantamos as sementes daquilo que queremos que o mundo seja!”

Maria Montessori

Introdução

De acordo com vários autores, de todos os seres vivos o Homem é o que tem um processo de aquisição de autonomia mais prolongado e passa por inúmeros processos de socialização durante toda a sua vida. Por socialização devemos entender o processo através do qual o ser humano cresce no interior da cultura da sua comunidade de origem.

Este processo de socialização permite, que a criança, o adolescente, o jovem e o adulto sejam progressivamente postos em contacto com o mundo simbólico que é o tecido da cultura da sua própria comunidade, do seu grupo de referência, e assim aconteça a sua integração social.

Este é um procedimento que se desenvolve ao longo de toda a vida, é através dele que a sociedade se perpetua e renova. Os novos membros da sociedade serão portadores da cultura que irão manter ou modificar adaptando-a às condições de vida actuais.

Tornamo-nos pessoas adultas é um processo moroso de construção social, que tem como raízes e bases importantes as nossas vivências e experiências de infância. É um processo que implica aprendizagens, aceitação de padrões de comportamentos e valores.

A socialização faz-se através da participação e comunicação com os outros. Inicia-se enquanto somos crianças através do papel exercido por quatro agentes principais da

socialização: a família, a escola, o grupo de colegas e os meios de comunicação de massa.

A **Família** é o primeiro e mais importante elemento socializador. É no seu seio que a criança começa por aprender os padrões de comportamento para viver no meio ambiente que a cerca, para aos poucos ir entrando na sociedade. Estes padrões de comportamento, são interiorizados através de observação de papéis e de brincadeiras nos quais imita o adulto. Este processo inicia-se pela interiorização não do ambiente que rodeia a criança, mas da definição desse ambiente que lhe chega através dos adultos "significativos" que com ela interage. Estas interiorizações diferem de pessoa para pessoa, a criança assume aqui um papel activo, integrando nas suas estruturas o que lhe é transmitido cultural e socialmente. Esta educação dada pela família faz parte da educação informal do indivíduo, é nela que vão assentar todas as socializações subsequentes, é normalmente designada como socialização primária.

A socialização secundária é veiculada pela **Escola**, outros dos principais agentes de socialização, meio que, pelas suas características pode oferecer à criança, um leque muito variado de experiências quer seja a nível de desenvolvimento afectivo, cognitivo, motor, social e tantos outros, permitindo-lhe que faça experiências que tenha vivências e experimente interações que noutra ambiente dificilmente lhe seriam facultadas. Para todo sucesso deste processo, é de grande importância, para além de uma boa adaptação da criança ao Jardim-de-Infância, à educadora e às outras crianças, o Jardim-de-Infância manter uma relação aberta com o meio, mas principalmente com a família, pois foi aí que todo o processo se iniciou. O Jardim-de-Infância oferece oportunidades para a criança alargar as suas experiências sociais para além da adquirida na família.

São as instituições educativas, neste caso o Jardim-de-Infância que mais diversificam o leque de ofertas de elementos necessários à criança, favorecendo assim as vias de socialização na qual assentam os processos de aprendizagem. É com base nestas, que a criança se relaciona com os outros, iniciando os jogos de competências básicas

relacionando-se e convivendo, descobrindo as possibilidades que o meio social e natural lhe oferece, interagindo e intervindo ela vai aprendendo.

É neste espaço que a criança irá passar a maior parte do seu dia e aí irá fazer aprendizagens, contactos, enriquecer a nível pessoal e social. Quando a criança chega ao Jardim-de-Infância, encontra um ambiente completamente antagónico aquele em que estava inserida. Sendo as instituições educativas, nomeadamente o Jardim-de-Infância, um importante agente socializador, vai ajudar na formação da personalidade de cada criança, preparando-a e ajudando-a nesta sua fase inicial da sua vida na sua própria integração enquanto pessoa no meio em que vive e na sociedade.

Com base em todos estes alicerces, o desenvolvimento social da criança vai sendo construído pouco a pouco, crescendo gradualmente à medida que vai tendo contactos com outras crianças, com outros adultos e com outros ambientes. A existência da heterogeneidade social e cultural na população escolar, traz grandes vantagens para as crianças ao nível do desenvolvimento social.

A sua importância é também relevante para o desenvolvimento de *skills* – habilidades – sociais que se aprendem através de actividades interactivas. O contacto com os companheiros é extremamente importante, o confronto entre diferentes pontos de vista de cada um e a resolução de problemas e dificuldades entre pares, ajuda muito a criança no seu crescimento social. O confronto entre iguais, ainda que com pontos de vista diferentes, é mais fácil e mais construtivo do que acontecer com adultos que ocupam diferentes estatutos.

Assim, os grupos de colegas proporcionam vivências novas, experiências diferentes das que encontram na família, inclusivamente ao nível de identificação de geração em termos de valores, os mesmos são assim também um poderoso agente da socialização.

Os **meios de comunicação** em massa realizam também um papel socializador, embora seja, mais abrangente porque toca a colectividade, no seu todo. Destacam-se entre estes a televisão, o cinema, a rádio e a imprensa, que vão socializando não só em termos de ocupação de tempos livres, mas também em termos pedagógicos.

Devemos ter em linha de conta, que a criança tem de aprender a interagir em espaços concretos, o que faz parte da sua integração social, mas este processo não é fácil nem acontece de forma linear. Cada um perante uma nova situação irá responder de acordo com as suas possibilidades, nem todos respondem de igual forma, numa mesma situação.

É na procura da autonomia e da solidariedade que se constrói a identidade pessoal, a mesma actualiza-se de formas diversificadas de acordo com cada um de nós, com as nossas necessidades e evolução social, e ainda com a variedade de ofertas da sociedade ou da instituição.

Assim sendo, o contexto em que a criança vive vai influenciar a sua identidade, tornando-se necessário favorecer condições de maturação pessoal, criando espaços onde possa estabelecer relações com outras crianças e também com outros adultos, de modo a que se possa verificar a sua capacidade de interagir, através da qual constrói imagens de si, dos outros, e do seu papel no meio envolvente. É através do meio a que pertence, ou a que se refere, que uma pessoa desenvolve a sua identidade, sendo com base neste que o sujeito é coerente no ser e no agir em sociedade. O processo de socialização tem como objectivo primordial a adaptação da pessoa ao seu meio onde pertence ou de referência.

Cada escola é um espaço e cada espaço dá à criança possibilidades de diversas interacções das quais a criança retira imagens de si próprio, que lhe irão elevar, ou não, a sua capacidade de auto-estima permitindo, desta forma, que tenha uma representação da escola que pode, ou não, ser benéfica futuramente.

Daí a grande que deve ser atribuída ao ambiente escolar, às suas vivências e às interações que deverão ser positivas e transmitir segurança, para prevenir um possível abandono escolar precoce e evitar dificuldades de interação social que podem levar a situações de exclusão social. O Jardim-de-Infância deve ajudar as crianças a enfrentarem ambientes cada vez mais complexos, preparando-os também para a vida em sociedade e para aquilo que ela exige.

Este projecto surgiu a partir de uma avaliação feita com base nas vivências de cada criança e nos desejos e interesses por elas manifestados.

É nosso objectivo proporcionar o desenvolvimento das crianças nas diferentes áreas curriculares.

Sendo grupos de cariz urbano e, por isso, mais motivados para aspectos concretos da Sociedade e suas mutações temporais, espaciais e culturais, compete-nos desenvolver um trabalho facilitador da aprendizagem e compreensão desses fenómenos.

A equipa educativa da Escola Aberta optou, para este ano lectivo, dar continuidade à implementação deste projecto que, só por si, compreende uma grande diversidade e amplitude de trabalhos e mini-projectos desenvolvidos durante a implementação dos planos curriculares de cada grupo de crianças.

A Brincar Abraçamos o Mundo significa assegurar a continuidade de uma linha de intervenção pedagógica estável e securizante para cada criança e para o grupo em que está inserida.

Brincar é um prazer para a criança, mas é também a sua primeira escola, porque a jogar descobre o seu corpo, aprende a coordenar movimentos a interagir com os outros e a resolver conflitos.

Os brinquedos estimulam a criatividade e imaginação da criança, mas também ajudam a constituir a sua personalidade. A brincadeira é uma espécie de linguagem universal. Não importa em que país do mundo, não importa se os brinquedos são improvisados do quotidiano ou são reproduções luxuosas e caras do mundo dos adultos. Em qualquer lado, em qualquer altura, há crianças que brincam e brincando imitam, aprendem e apreendem o mundo real. Crescem.

Grande parte do tempo das crianças é passado a brincar e é com a brincadeira que vão percebendo o modo de funcionamento das coisas que as rodeiam. Lentamente, vão entrando no mundo dos adultos e vão tomando contacto com as regras que o regem.

Os adultos que fazem parte desse mundo vão descobrindo que nada é mais enriquecedor do que observar as brincadeiras de uma criança. O melhor mesmo é ir aprendendo com elas a forma como olham o mundo e o (re)constróem. Participar nessa (re)construção é fortalecer os laços da criança e ver o mundo com outros olhos é também uma forma de melhor conhece-la. As crianças brincam sempre mas não brincam sempre da mesma maneira. Crescem e os jogos mudam. Os objectos da brincadeira também são outros, o que justifica a temática do nosso projecto “**O Futuro é brincarmos hoje para crescermos e aprendermos o amanhã**”.

Caracterização do Meio

Beja¹

Situação Física e Climática

O concelho de Beja, com 1173,32 Km², localiza-se no coração da vasta peneplanície alentejana que constitui a unidade fundamental do terço meridional do país.

A zona central do Concelho forma uma planície de onde surgem, aqui e além, algumas elevações de pequena importância. Devido à sua topografia é bastante pobre em águas correntes.

Beja (Cidade) está situada num morro residual de gabro que se eleva a 277 metros e pode ser considerado o centro da peneplanície.

A área do Concelho insere-se no maciço antigo e é fundamentalmente constituída por rochas eruptivas, rochas sedimentares mais ou menos metamorfizados do Paleozóico; havendo também uma mancha importante aflorando no meio da zona das rochas. Os depósitos do Miocénio que ocorrem na área de Beringel são constituídas por grés fino com cimento argiloso ou calcário e calcários compactos em leitos delgados.

Em termos metalogénicos, o bloco meridional do "Maciço Hespérico", no qual está inserido o Concelho, distingue-se pela existência de jazigos estratiformes de ferro-manganês e de jazigos vulcano-sedimentares de pirite de ferro cuprífera.

No entanto, e ao contrário do que acontece noutros concelhos do Distrito, o Concelho de Beja parece não ter sido beneficiado pela presença importante dessas formações, pois, até ao momento, não se conhecem concentrações significativas daqueles minérios.

Na região onde se integra o Concelho, durante o período de meados de Junho a meados de Setembro, raramente ocorre precipitação e quando ocorre é quase sempre do tipo aguaceiro local. O tempo é geralmente caracterizado por céu limpo ou pouco nublado. Por vezes, a temperatura pode ultrapassar os 40 graus em Julho e Agosto.

A partir de meados ou fins de Setembro e até Março ocorrem períodos chuvosos. A partir de Abril aumenta a frequência de precipitação do tipo aguaceiro, por vezes acompanhada de trovoada. Em Dezembro, Janeiro e Fevereiro, há períodos de bom tempo e frio. Nestas circunstâncias, atingem-se os valores mais baixos da temperatura que podem descer até aos 5 ou 6 graus negativos.

¹ Dados da Câmara Municipal de Beja

Caracterização Socioeconómica Socioecon

O facto mais saliente no que respeita à caracterização socioeconómica do concelho é a estrutura social da sua população activa, onde o peso dos assalariados é por razões históricas extremamente elevado: 80,6 % contra 13% de trabalhadores por conta própria (aqui o peso dos comerciantes é determinante) e apenas 3,6 % de patrões.

Referências Históricas

Pax-Júlia, assim se chamava no final do século I AC a sede de um dos três conventos jurídicos, o mais meridional, em que se dividiu a Lusitânia.

A sua fama, bons terrenos de cultivo e criação de gado, pedreiras e minério, boas vias de comunicação, uma extensa região razoavelmente administrada, teriam sido, dada a cupidez humana, a sua perdição.

Após as invasões bárbaras, tornou-se sede do bispado visigodo – agora com o nome de Paca – mantendo boa parte do poder e magnificência anteriores, até que, no início do século VIII, caiu sobre o domínio muçulmano. Nesta longa "paragem" o Islão encantou Beja, formosa e branca, conservou o seu grande perímetro amuralhado e foi mãe de gente letrada como Al Mut'Amid, o paladino dos poetas andaluzes e rei de Sevilha.

Tentativas sucessivas de conquista e reconquista pelos reis cristãos, reduziram-na gradualmente a escombros, ruínas de pedra vetustas e histórias lendárias – Gonçalo Mendes da Maia, O Lidador, neto do rei de Leão e fronteiro-mor de D. Afonso Henriques, apesar da sua já provector idade, 95 anos, alcançaria a vitória sobre o temível rei mouro Al Moliamar, nas cercanias de Beja, reconstituição iconográfica que o grande artista Jorge Colaço nos legou num dos seus mais belos painéis de azulejaria, concebido para o jardim Público. Definitivamente na posse portuguesa a partir de 1234, é-lhe concedido foral por D. Afonso III, reconhecendo-a como uma das principais vilas do reino...Só com D. Manuel I em 1521, alcança de novo o estatuto de cidade, vindo o bispado a ser restaurado, em 1770, mais de mil anos da sua extinção.

A torre de menagem é o ex-libris da cidade, a sua altura (40m) e a sua beleza, fizeram dela o melhor monumento militar do género em Portugal. É obra tercentista, de forte influência muçulmana – não há duas faces iguais desígnio que só a humildade do construtor mouro pratica. Contudo, a torre de menagem dita de D.Dinis, é só uma pequena parcela do valioso património pacense construído. A sua fortificação de construção romana ainda conserva com alguma portas coevas e medievais, cerca de 1700m de perímetro, com 37 das 48 torres que possuía no final do século XIX, período conturbado, bastante lesivo para a cidade, no qual se perderam mais de metade dos seus monumentos. As escavações arqueológicas, terminadas recentemente na Rua dos Sembranos, puseram a descoberto o que parece ser parte do troço de uma muralha, de circuito menor do que o da romana, porém datável da idade do ferro.

Próximo de Alcáçova, com suas janelas mudéjares, e fora das portas romanas de Évora, a basílica de Sto. Amaro possui um interior de raiz

paleocristã, visigótica, moçárabe ou islâmica. Não se sabe ao certo quando foi fundada, vindo o mistério da volumetria da abside e dos estilos e épocas diferenciados a que pertencem os diversos elementos das colunas. Alberga neste momento a colecção de arte visigótica pacense, a mais importante do país.

Um pouco mais longe a pequena ermida de Sto André, mostra na sua simplicidade primeira, os bota réus cilíndricos de coruchéus cónicos e alguns pequenos merlões chanfrados, característicos do estilo gótico mudéjar ou alentejano, tal como o podemos observar na galilé da pitoresca igreja de St.ª Maria da Feira, intramuros, construída pelo século XIII no mesmo local onde anteriormente foram a mesquita e sé visigótica. Contemporânea da crise revolução de 1383/85 é a antiga casa da Câmara que lhe fica defronte, ostentando quase à esquina, a torrinha branca, cilíndrica, já referenciada desde o início do século XVI, recordando a almenara da qual o muezin chama os fiéis à oração.

E como descrever aquilo que só o ver nos pode dar: são os portais de tipo românico, ogivais, manuelinos e renascença; as janelas geminadas mudéjares, góticas, manuelinas; as simples portas de postigo, janelas pequenas e chaminés de resalto das judiarias e mouraria; recantos insuspeitos de arcos e vãos ogivais acessíveis sob passadiços, túneis sui generis sob as ruas e becos; a leitura nítida, impressionante, que de diferentes pontos da cidade se pode fazer e já se fazia naturalmente, desde as primeiras comunidades humanas que por aqui, nesta colina, passaram e habitaram, dos campos em redor e de um heterogéneo horizonte a perder-se por centenas de quilómetros em redor...

A Praça da República reflecte, de outro modo, a vida do fórum romano e do Capitólio – lá estão as sedes da Associação de Municípios, Diário do Alentejo, Região Turismo Planície Dourada, Município, finanças, lojas diversas, cafés, restaurantes, academia de música (em obras), o centro de emprego, farmácia, pensão, seguros, escritórios de advocacia, sedes de partidos políticos e um dos mais belos edifícios civis da renascença em Portugal, lógia dos açougues ou mercado público, desde o século XVI, aproveitado para igreja, obra mandada construir por D. Luís, 5º duque de Beja, filho de D. Manuel I.

São muitas as particularidades de Beja, dos seus monumentos e das suas colecções resguardadas e expostas no museu rainha D. Leonor, instalado num convento quatrocentista, o de Nossa Senhora da Conceição, fundado pelos pais da rainha D. Leonor e D. Manuel, os infantes D. Fernando e D. Brites, primeiros duques da cidade. Não só o convento é riquíssimo pela sua arquitectura desde o período gótico flamejante, protomanuelino, até aos alvares do século XVI, como pela decoração barroca da igreja, em talha dourada, azulejaria e mármore embutidos, além de um conjunto raro de revestimento azulejar que, pela sua quantidade e estado de conservação, invadindo as galerias do claustro e da sala do capítulo, esta com painéis sevillanos do início do século XVI, só tem paralelo em Sintra. O Museu tem boa pintura flamenga, portuguesa e espanhola a óleo sobre madeira, cobre e tela, dos séculos XV a XVIII. Possui todo o género de espólio arqueológico destacando-se a colecção romana da cidade, cujos elementos arquitectónicos são os maiores do país quaisquer que sejam os estilos e a já mencionada colecção do núcleo visigótico de Sto Amaro.

No 1º andar a colecção arqueológica Fernando Nunes Ribeiro, destaca cerca de 400 espécimes dos 11000 que este arqueólogo ofereceu à sua

cidade. É uma exposição didáctica abarcando todos os períodos desde a pré-história recente, com especial incidência nos períodos do bronze, ferro e romano.

Ao fundo desta galeria, a janela gradeada de Mértola ou de soror Mariana Alcoforado, trás à memória as "Lettres Portugaises", as cinco cartas de amor publicadas em Paris em 1669, consideradas no seu todo pelos estudiosos como uma obra-prima mundial. Mariana, sua autora controversa, lê-las-ia a um cavaleiro francês Noel Bouton, marquês de Chamilly, que nos auxiliou na guerra da restauração.

Beja é uma cidade com vida, convidativa, de bulício muito peculiar a movimentar-se cada vez mais nos caminhos da cultura e do desporto, procurando nas escolas básicas e universitárias, nos centros de formação profissional, na biblioteca e nos museus, nos certames regionais, nacionais e internacionais (estes menos), o conhecimento crítico, despojado, informado e exigente da sua singular posição no mundo.

A Instituição

A Associação Escola Aberta – Creche e Jardim-de-Infância (Escola Aberta), é uma associação sem fins lucrativos cuja actividade é a promoção da educação através de uma Instituição Privada de Solidariedade Social actualmente com duas valências: Jardim-de-Infância e Creche.

Missão, Visão e Valores

O principal objetivo da Escola Aberta é o desenvolvimento global de cada criança, nas diferentes dimensões do ser, visando a construção de um percurso educativo de sucesso.

Acreditamos que as metas educativas do percurso escolar se atingem através de estímulo das capacidades individuais e emocionais de cada criança, mais do que através da antecipação da aprendizagem.

Missão

Nesta perspetiva, educamos crianças com autoestima, com conhecimento do próprio corpo e conhecimento do meio que as rodeia, porque cremos que uma criança que se conhece a si própria e aos seus limites terá a confiança necessária para enfrentar os novos desafios da vida escolar.

Visão

Partimos do princípio de que a Sociedade está em constante mutação e de que tem vindo a desenvolver-se no sentido de se adaptar às diferenças de cada um. Nesta dinâmica que tentamos gerir cada valência desta instituição, respeitando os papéis sociais que cada individuo em construção vai assumindo dentro de cada grupo.

Valores

Cada criança tem a sua individualidade e essa individualidade deve ser estimulada para fazer dela um ser socialmente correto. A individualidade de cada criança deve ser estimulada e potencializada de modo a torna-la num cidadão responsável.

Perspetiva Histórica e Atual

Esta Associação, cujo início de actividade ocorreu durante o ano de 1989 definiu à partida, entre outros, um objectivo que serve toda a filosofia de actuação da Instituição: cooperar, num espírito de solidariedade, com as famílias na educação das crianças.

Definindo o Distrito de Beja como sua área de intervenção, escolheu exactamente a capital deste Distrito para implementar os objectivos que pretende atingir sempre.

No primeiro ano, funcionou num edifício da Travessa Almeida Garrett, apenas com a valência de A.T.L. tendo passado, em 1994, para as instalações que ainda hoje ocupa – sitas na Rua de S. Gregório – com as valências de Creche e Jardim-de-Infância, acolhendo crianças desde os dois até aos cinco anos de idade e, desde de 2001, crianças a partir de um ano de idade. A valência de A.T.L. manteve-se nas mesmas instalações até ao ano de 1999, altura em que foi transferida para a Rua D. Afonso Henriques – por ocasião da abertura de mais uma sala de Jardim-de-Infância – onde

ainda funcionam ambas as valências, hoje com crianças entre os quatro e os dez anos de idade.

Actualmente, a Escola Aberta serve à volta de 132 crianças, da Cidade de Beja e dos seus arredores, distribuídas por: cinco salas de Creche e três salas de Jardim-de-Infância.

Funcionamento Geral

Financiamento

A Escola Aberta é apoiada financeiramente pelo Centro Distrital de Solidariedade e Segurança Social de Beja, que comparticipa mensalmente a componente educativa e de apoio à família dos utentes, em função de um acordo de cooperação estabelecido entre as duas instituições. Além disto, as famílias das crianças que frequentam a Instituição fazem o resto da comparticipação, através de uma mensalidade de valor calculado em função do rendimento familiar *per capita*.

A instituição enquadra-se também na medida Creche Feliz, esta medida da gratuitidade chega às crianças nascidas após 1 de setembro de 2021 que pretendam frequentar as creches da rede lucrativa e da rede solidária sem acordo de cooperação, localizadas nos concelhos em que não haja vagas gratuitas da rede solidária com acordo de cooperação ou da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML).

Horário de Funcionamento

Fora do período de férias – determinado por consulta aos Encarregados de Educação – a Escola Aberta funciona, salvo excepção, todos os dias úteis entre as 7.45 e as 19.00, conciliando-se, desta forma, com o horário laboral dos mesmos Encarregados.

Ao Pessoal Docente cumpre assegurar o período de intervenção pedagógica que decorre entre as 09.00 e as 17.00 ou 9.00 e as 16.30 – com uma hora e trinta minutos de intervalo para almoço – e ao Pessoal Não-Docente cumpre assegurar, todo o horário de funcionamento – em períodos de sete horas e meia, cada funcionário, com uma hora e trinta minutos de intervalo.

Espaços Físicos

O edifício da Rua de S. Gregório construído provavelmente no segundo quartel do Século XIX – tem dois pisos, estando o térreo ocupado por uma sala de creche e uma sala polivalente e o superior por uma sala de creche e outra utilizada como dormitório, uma sala do conto, uma copa, as instalações sanitárias dos Adultos, uma de crianças, uma arrecadação, o refeitório e o espaço exterior.

O edifício do pré-escolar situado na Rua D. Afonso Henriques é composto por três salas, um refeitório, uma copa e instalações sanitárias para as crianças, uma instalação sanitária para os adultos, uma arrecadação, um sótão, uma sala polivalente e o espaço exterior.

O edifício do Bairro da Apariça, é composto por 3 salas - berçário, sala de 1 ano e sala de 2 anos – 2 arrecadações; 2 casas de banho para adultos, sendo uma adaptada para deficientes; um escritório, uma casa de banho adaptada para as crianças com sanitas e lavatórios de pequenas dimensões, contém também um fraldário e um poliban; existe a cozinha e o refeitório.

No exterior da instituição existe também um parque infantil com um escorrega e vários balanços.

Serviços de Apoio

As refeições de almoço são confeccionadas e fornecidas por uma Empresa da Especialidade, sempre ajustadas às necessidades das crianças. Os Lanches são confeccionados na Instituição e complementados pelo que as crianças trazem de casa.

Pessoal

Para além da Direcção da Associação – constituída pelo Presidente, o Secretário e o Tesoureiro– desempenham funções para ou nesta Instituição vinte e oito pessoas – distribuídas pelas duas valências, conforme o Quadro n.1 apresenta.

Pessoal	Valência	Creche	Jardim-de-Infância
Educadores de Infância		5	3
Auxiliares de Acção Educativa		7	3
Auxiliares de Limpeza		2	2
Professores de Atividades Extra Curriculares		2	3
Assistentes Administrativas		1	

Quadro n.1 – Relação do Pessoal com a sua Distribuição pelas Valências da Instituição

Relativamente às habilitações literárias do Pessoal Docente, sete dos Educadores são licenciados, sendo um deles Mestrando; e um Bacharel na área.

No que diz respeito às habilitações literárias do Pessoal Não-Docente, estas variam entre o 4.º Ano de escolaridade, e o Curso Técnico-profissional de Auxiliar de Acção Educativa.

A formação contínua de todo o pessoal é assegurada através de encontros da especialidade ou acções de formação nesta área.

Relação com as Famílias

Tendo em conta o objectivo da Instituição, prima-se sempre por um bom relacionamento com os pais/famílias das crianças. Este relacionamento é conseguido através da forte participação dos mesmos nas reuniões convocadas pelas Educadoras, ou nos eventos organizados pela Instituição (Festa de Natal, Carnaval, Festa de Final de Ano).

Ao manter uma boa relação com este grupo, a Instituição consegue, simultaneamente, estabelecer uma relação em igual proporção com a comunidade envolvente, em função das responsabilidades profissionais que aqueles desempenham nessa mesma comunidade.

Distribuição das Crianças

Esta Instituição é frequentada por cerca de cento e cinquenta crianças que se distribuem de acordo com a seguinte quadro:

Valências	Creche	Jardim-de-Infância	TOTAL
SALAS	5	3	8
Nº DE CRIANÇAS	68	64	132

Quadro n.2 – Distribuição Crianças/Salas/Valências

Coordenação da Instituição

A coordenação da instituição é da responsabilidade da Direcção da Associação Escola Aberta, em parceria com a coordenadora pedagógica e as diretoras técnicas das valências de Jardim-de-Infância e Creche.

O Pessoal Docente tem reuniões periódicas semanais destinadas à planificação e reflexão do trabalho realizado. O Pessoal Não-Docente tem encontros pontuais, cujo objectivo tem a ver com informação de âmbito geral, cultural e pedagógico.

O atendimento aos Pais, além das reuniões trimestrais, faz-se sempre que necessário, sem horário estipulado.

A admissão das crianças é feita a partir de pré-inscrições efectuadas durante todo o ano, sendo a selecção realizada de acordo com o regulamento interno.

Valências

Nesta parte referem-se as vertentes das perspectivas teóricas de vários autores – teorias de desenvolvimento psicossocial, psicomotor, socioafectivo e sociomotor das crianças em idade de creche e pré-escolar – das caracterizações dos grupos e de cada sala e, respectivos planos curriculares.

Creche

Até há relativamente pouco tempo, as creches eram organismos pouco conhecidos e procurados.

As rápidas transformações na estrutura familiar, laboral, económica e social, determinaram, também em Portugal, uma crescente procura e oferta de diversas creches.

As creches revestem-se de um papel social de grande importância, pelas repercussões, quer físicas, quer psicológicas, que podem provocar nas crianças que as frequentam.

O precursor das creches foi o pedagogo Pestalozzi, quando em 1780 propunha a criação de escolas destinadas a albergar filhos de gente pobre, obrigada a fechar as suas casas para poder trabalhar como jornaleiros.

Pestalozzi mostrava então a necessidade de um tipo de assistência social que correspondia perfeitamente à actual definição de creches dada pelas Nações Unidas – Serviços organizados para abrigar crianças que são obrigadas a passar fora de casa uma parte do dia, tendo como missão completar a assistência normal dada no lar.

As rápidas mudanças da vida moderna, consequências da crescente industrialização e urbanização, levaram à maior necessidade destas instituições que, para cumprirem

a sua missão, foram obrigadas normalmente a prestar eficientes serviços de formação para melhorar a assistência, nunca descurando a parte afectiva.

Segundo a OMS² – as creches devem favorecer um perfeito desenvolvimento físico e mental, diminuindo os efeitos desfavoráveis da separação da criança da sua família.

Hoje é frequente os pais, por questões laborais, entregarem os seus filhos a partir dos 3 meses aos cuidados das creches.

É necessário que o funcionamento das creches obedeça a certo número de regras, que incluem as instalações com condições mínimas de higiene, de pessoal qualificado em número suficiente, que atenda cada criança individualmente, e uma Direcção que possua um conhecimento das necessidades das crianças que admite.

A alimentação e a higiene devem corresponder às necessidades dos seus utentes. Deverá haver uma vigilância médica, quer das crianças, quer do pessoal e, periodicamente uma inspecção às instalações.

Seria óptimo que as nossas creches pudessem substituir a família durante o tempo que a criança ali permanece, de maneira a que ela se sinta amada e não só tolerada.

O Papel do Educador de Creche

Como membro responsável de uma comunidade precisa:

- Compreender a estrutura dos serviços comunitários, especialmente daqueles que se destinam às crianças;
- Ter capacidade de estabelecer uma relação positiva entre a família das crianças (sobretudo a mãe) e a instituição para a infância;
- Possuir conhecimentos específicos sobre a saúde e a prestação de cuidados à criança.

² Organização Mundial de Saúde

Como participante no funcionamento de uma instituição precisa:

- Criar e renovar de um ambiente estimulante para o desenvolvimento da criança;
- Conceber, integrar e realizar programas destinados à acção directa com as crianças;
- Organizar, construir, escolher material pedagógico, mobiliário e equipamento em geral.

Como alguém que vive com as crianças:

- Deve manejar os seus conhecimentos a partir da observação de como a criança se desenvolve e das suas principais necessidades;
- Observar, registar, avaliar e interpretar os comportamentos das crianças;
- Apoiar as crianças com necessidades específicas.

Como alguém que colabora com outros adultos deve:

- Ter capacidade de interagir, comunicar e relacionar-se positivamente;

Depois disto, parecem ser de realçar dois aspectos fundamentais e inseparáveis:

A importância do ser profundo do educador, da sua capacidade de investimento, em termos afectivos, a sua disponibilidade para as trocas relacionais que têm forçosamente estabelecidas de uma forma muito espontânea, recebendo e experimentando um real prazer e bem-estar.

A necessidade do saber ser educador, da preparação teórica de base que lhe forneça os parâmetros de observação da criança, a compreensão dos comportamentos observados e lhe dê as orientações para as actividades que vai desenvolver no dia a dia do seu trabalho.

Estes dois aspectos – ser e saber – são igualmente importantes e indispensáveis. Porque o *ser* integra e dá significado ao *saber* adquirido, mas o *saber* enriquece e

aprofunda a capacidade do educador como pessoa, insere-o e reajusta-o a cada momento e dá-lhe a competência para *ser*.

Para além disto, é importantíssimo montar esquemas de formação permanente e em serviços que apoiem o pessoal na difícil tarefa que se propõe. Algumas hipóteses:

- Os serviços oficiais responsáveis promovem com regularidade momentos fortes de formação que permitem uma sensibilização do pessoal educativo em conjunto (educadores, enfermeiros) e que sejam na prática uma oportunidade de diálogo e troca de referências;
- A permanência de algumas estagiárias dentro das instituições, garantindo as ligações às escolas de formação de base e funcionando como mobilizador da dinâmica educativa e relacional;
- O apoio regular institucionalizado de um dinamizador, que dê apoio exterior à coordenação da equipe educativa e seja simultaneamente um teórico do desenvolvimento na 1ª infância.

Jardim-de-Infância

Em Portugal o problema da educação das crianças antes da sua entrada no ensino básico, seguiu sensivelmente os mesmos passos que a maioria dos países europeus.

No séc. XIX assiste-se a um grande interesse pelas crianças que ainda não vão à Escola e a influência exercida pelo *Kindergarten* de Friedrich Froebel na Europa e nos Estados Unidos, também se fez sentir no nosso país nos finais do mesmo século, sendo em 1882 inaugurado o primeiro Jardim-de-Infância em Portugal, em Lisboa, como homenagem a Froebel.

Quando foi instaurada a 1ª República existiam em Portugal apenas, dois jardins-de-infância, um em Lisboa e outro no Porto. Surgiu, então, a iniciativa dos *jardim-escola* João de Deus, tendo por objectivo "criar um modelo português de escola infantil", onde se aplica o método de ensino de leitura pela Cartilha Maternal.

Entre 1926 e 1937 deu-se uma enorme atenção à formação de educadoras que se fazia nas escolas do Magistério Primário. Em 1937 o Governo decide extinguir os jardins-de-infância, argumentando existir uma baixíssima percentagem de crianças em idade pré-escolar. No ano de 1973 surgiram novamente a abertura de novas escolas de formação de educadoras (oficiais). Também neste mesmo ano, foi aprovada uma reforma do ensino e é de novo oficializada a educação pré-escolar, cujas necessidades se faziam sentir.

Desde o ano de 1977 tem vindo a abrir um número crescente de jardins-de-infância, em colaboração com as autarquias e ainda foram atribuídos subsídios concorrentes para a frequência de estabelecimentos particulares e cooperativos.

Froëbel reconhecia que a criança em idade pré-escolar tem de jogar e brincar, porque nesse período, ela se identifica com *viver*, no sentido de existir como pessoa.

O *Kindergarten* de Froëbel foi concedido como complemento de educação familiar simultaneamente, ele pretendia formar mães e jovens para o Jardim-de-Infância e através dele. No séc. XIX, com a industrialização e desenvolvimento urbano, o objectivo do Jardim-de-Infância era de assistência, especialmente às famílias descuidando a missão pedagógica. A educadora passa a ser simplesmente uma vigilante de crianças, sem actividades, jogos etc.

Após a II Guerra Mundial, passa a dar-se importância novamente às necessidades sociais, mas pelo prisma psicopedagógico. Hoje em dia, os pais levam os filhos para o Jardim-de-Infância e estabelecem uma relação muito próxima com a Educadora, chegando mesmo a falar dos seus problemas (pais/filhos) na expectativa de lhe dar conselhos práticos.

Os pais deveriam estar cientes de que é indispensável a colaboração entre a família e o Jardim-de-Infância, para que as medidas pedagógicas sejam uniformes.

A educadora deve estar disponível para receber os pais e integrá-los no quotidiano do Jardim-de-Infância bem como estimulá-los para uma participação mais activa no dia -a dia da sala de aula dos seus filhos. O Jardim-de-Infância tem hoje a tarefa de preencher lacunas na vida social bem como na familiar.

A Associação Escola Aberta além de desempenhar um papel social, pedagógico, e didáctico, desempenha também um papel familiar, dado ao tempo que a criança aí passa. Muita das vezes a criança passa mais tempo nas salas de Jardim-de-Infância do que no seu ambiente familiar.

O Que é o Jardim-de-Infância?

O Jardim-de-Infância é uma instituição que se destina a crianças dos 3 aos 6 anos para favorecer através de condições apropriadas à sua idade, o crescimento e o desenvolvimento na globalidade.

Objectivos

De forma sucinta, cabe ao Jardim-de-Infância:

- Permitir às crianças, através de experiências, de iniciativas e de descobertas, da expressão e comunicação, a assimilação progressiva da realidade que as envolve, isto é o mundo que a rodeia, ou seja a si própria;
- Promover a aquisição de hábitos;
- Despertar valores que estruturam o seu comportamento, o seu carácter e a sua personalidade de uma forma positiva;
- Estabelecer uma coordenação motora, corporal e espacial da criança com o meio;

- Valorizar a afectividade, de forma a satisfazer as necessidades a nível da segurança, do amor e do individualismo de cada criança;
- Estabelecer com a família um diálogo que vise uma educação conjunta da criança;
- Desenvolver o sentido crítico criativo;
- Desenvolver a autonomia e a expressão pessoal;
- Proporcionar novas experiências;
- Alargar o horizonte da criança ou seja, o seu conhecimento nos vários domínios partindo de coisas que fazem parte do seu dia-a-dia.

Papel do Educador de Jardim-de-Infância

O seu trabalho consiste na organização das actividades, tendo como objectivo o desenvolvimento da afectividade e da inteligência da criança.

Os educadores têm preparação para um trabalho de animação de estimulação e de educação. A sua intervenção cria uma atmosfera de vida, de interesse e de calma que se traduz, não só nas actividades, mas também durante as refeições, as saídas, a higiene das crianças.

O Educador é o cordão umbilical entre a família e o Jardim-de-Infância, mantendo a continuidade da vida familiar.

Assim, cabe a este profissional:

- Criar uma boa relação com os colegas de trabalho, bem como com os pais;
- Renovar e estimular um ambiente acolhedor, seguro e de aprendizagem para a criança;
- Conhecer as necessidades da criança e saber como elas se manifestam.

- Saber os gostos da criança;
- Realçar-lhe a iniciativa própria e dialogar com a criança;
- Actuar de forma correcta e justa perante todas as crianças;
- Consolidar a sua própria maneira de ser e de estar, para melhor compreender e actuar nas suas mais diversas situações com as crianças;
- Dar-lhes atenção e segurança;
- Manter a calma, mesmo durante os períodos mais sobrecarregados e de maior inquietação;
- Exercer uma vigilância permanente com o grupo;
- Contactar muito com a criança a nível físico, pô-la ao colo, agasalhá-la, participar nas brincadeiras, dar-lhes mimos etc.;
- Possuir conhecimentos específicos sobre a saúde e a prestação de cuidados à criança;
- Conceber, integrar e realizar programas destinados à acção directa com o grupo de crianças;
- Organizar, construir, escolher material pedagógico e equipamento;
- Observar, registar, avaliar e interpretar os comportamentos das crianças;
- Apoiar as crianças com necessidades educativas especiais,
- Interagir, comunicar e relacionar-se positivamente com toda a população educativa da instituição;

Parece-nos importante realçar dois aspectos fundamentais e inseparáveis:

A forma de estar e de ser do educador, da sua capacidade de investimento em termos afectivos, bem como a sua disponibilidade para as relações nas várias vertentes que tem de estabelecer de uma forma espontânea.

A **necessidade do saber ser educador**, da preparação teórica de base que nos favoreça os parâmetros de observação da criança, a compreensão dos comportamentos observados e lhes dar as orientações para as actividades que se vão desenvolver no dia-a-dia do nosso trabalho.

Podemos dizer que estes dois aspectos – *ser* e *saber* – são igualmente importantes e imprescindíveis. O *ser* integra e dá significado ao *saber* adquirido, mas o *saber* enriquece e aprofunda a capacidade do educador como pessoa, insere-o e reajusta-a a cada momento e dá-lhe a competência para *ser*.

O Projeto Educativo A Brincar Abraçamos o Mundo

Intencionalidade Educativa

Pretendemos que a intencionalidade do processo educativo, que caracteriza a nossa intervenção, passe por diferentes etapas interligadas que se vão sucedendo e aprofundando, o que pressupõe:

- ✘ **Observação** – da criança e do grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem. São práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades.

A observação constitui, deste modo, a base do planeamento e da avaliação de todo o processo educativo.

- ✘ **Planificação** – de acordo com o conhecimento do grupo e de cada criança para lhe proporcionar um ambiente estimulante de desenvolvimento e promotor de aprendizagens significativas e diversificadas que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades, permitindo-lhes interações diversificadas com todo o grupo e em pequenos grupos.

- ✘ **Avaliação** – avaliar o processo educativo implica tomar consciência da acção para o adequar às necessidades das crianças e do grupo e, à sua evolução. A reflexão a partir dos efeitos do que se vai observando possibilita estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Pensamos que este processo de reflexão e avaliação seja potencializador do desenvolvimento global da criança.

Objetivos Gerais

Com este projecto pretende-se:

- ✘ Atender às necessidades manifestadas pelos intervenientes;
- ✘ Reconhecer o valor da Escola e das aprendizagens que ela proporciona;
- ✘ Estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, inculcando atitudes e valores que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas;
- ✘ Desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de sensibilização e de compreensão do mundo que nos rodeia;
- ✘ Despertar a curiosidade e o pensamento crítico das crianças;
- ✘ Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade.

Estratégias

- ✘ Articular o trabalho desenvolvido com a família e com a comunidade;
- ✘ Utilizar recursos de todos os intervenientes no processo educativo;

- ✘ Trabalhar em equipa dentro e fora da Instituição (com outros níveis de ensino, por exemplo);
- ✘ Estabelecer contacto com outras entidades ligadas à comunicação: PT, Jornais, Biblioteca, Internet, TV, etc..

Trabalho de Projeto A Brincar Abraçamos o Mundo

Creche

- ✘ Sensações e percepções (observação, manipulação, ...)
- ✘ Movimentos, posições e deslocações do corpo no espaço
- ✘ Propriedades sonoras do corpo
- ✘ Capacidades expressivas para comunicação sentimentos, emoções e necessidades
- ✘ Controlo do corpo, actividade/repouso

Pré-escolar

- ✘ Conhecer e preservar o ambiente
- ✘ Conhecer o mundo que me rodeia
- ✘ Conhecer a cidade onde vivo: - Património, Lendas e Tradições
- ✘ O trabalho, os serviços, os meios de transporte e de comunicação
- ✘ A matéria e os corpos
- ✘ Terra, ar, água e energia
- ✘ O tempo

Calendário Escolar

Interrupção das atividades letivas:

- **Natal:** entre 24 e 26 de Dezembro e 31 de Dezembro a 1 de Janeiro (dias úteis: 24, 26,31 de Dezembro e 2 de Janeiro)
- **Carnaval:** segunda-feira e terça-feira de carnaval
- **Páscoa:** de quinta-feira a segunda-feira no período da Páscoa
- **Limpezas:** primeira semana de Setembro

Durante os meses de Julho e Agosto, o pessoal docente e não-docente goza o seu período anual de férias. No entanto, é garantido o funcionamento não-letivo da Instituição.

Plano Anual de Atividades